

PONDÉ, Luiz Felipe, *Crítica e Profecia: A filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo : Editora 34, 2003.

Luiz Felipe Pondé, autor de *O Homem Insuficiente: Comentário da Antropologia Pascaliana* (Edusp, 2001), dando continuidade a sua preocupação fundamental – refletir sobre os problemas da atualidade a partir do vigor do pensamento religioso – publica no final de 2003 pela Editora 34, *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*.

Neste livro, podemos conferir o estilo polêmico e contundente do autor, sempre presente em seus artigos e, ainda, a ressonância da espontaneidade das aulas gravadas, por iniciativa dos alunos de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no segundo semestre de 2001, sobre o pensamento religioso de Dostoiévski.

Este livro de filosofia da religião revela a originalidade desta área de estudos ao demonstrar que as críticas radicais e contundentes realizadas por Dostoiévski ao ideário de seu tempo (utilitarismo, teoria do meio, mecanicismo, determinismo e niilismo), que ainda permanecem sob outras designações, só foram possíveis porque alicerçadas no pensamento religioso de raiz cristã ortodoxa do autor.

O resultado desta pesquisa rigorosa – compreende leituras da extensa obra de Dostoiévski, de seus dados biográficos, da recepção no contexto russo das idéias filosóficas do ocidente europeu hegemônicas no século XIX, da religião ortodoxa e da compreensão da linguagem poética do autor, – foi estruturado em 16 capítulos que podem ser agrupados em cinco momentos: introdutório, referência à teologia ortodoxa, referência a poética de Dostoiévski, antropologia teológica presente nas obras de Dostoiévski e, finalmente, os últimos cinco ensaios cada um deles dedicado a examinar a filosofia da religião presente de forma pontual em cada uma das obras de Dostoiévski escolhidos para análise.

Esta pesquisa é precedida pela Introdução: *Profecia e Desgraça* um ensaio sobre crítica religiosa que tem o mérito de recuar, ampliar e aprofundar a pesquisa realizada, ao colocá-la em diálogo com o debate da filosofia contemporânea, esclarecer o problema central da obra e retomar o foco desta análise.

A generosidade do autor para com o seu leitor manifesta-se no cuidado presente na escolha dos títulos dos capítulos, na informação precisa das fontes utilizadas, permitindo a qualquer momento a retomada do caminho per-

corrido e, sobretudo, na precisão da construção do intra-texto onde os temas menos familiares são introduzidos através de perguntas, exemplos, preparando o leitor para o desenvolvimento dos mesmos.

Este estilo convida o leitor a exercer a plenitude de sua atenção e de sua presença, compartilhando a reflexão do autor e, sobretudo, levantando novas questões para compreender a sutileza do pensamento crítico porque religioso de Dostoiévski, e para se surpreender com esta nova perspectiva de leitura dos problemas do mundo contemporâneo.

Os dois primeiros capítulos situam o leitor na pesquisa realizada: seu âmbito, filosofia da religião, seu *corpus*, obras de Dostoiévski pós-siberianas, as construtivas i. e. *O idiota* e *Os Irmãos Karamazovi* e as predominantemente críticas como *Memórias do subsolo*, *Crime e Castigo* e *Os Demônios*.

Apresenta e justifica os comentadores escolhidos Joseph Frank, crítico literário norte americano, que por mais de quarenta anos, orientado pelas obras de Dostoiévski, pesquisou o contexto e a biografia do autor para que o leitor dos séculos XX e XXI possa efetivamente compreender estas obras; Paul Evdokimov, teólogo ortodoxo e estudioso da obra de Dostoiévski, que ao escrever dirige sua comunicação para o público latino e Mikhail Bakhtin, crítico literário, que como veremos fundamenta, mesmo sem explicitá-lo, sua análise da poética de Dostoiévski na filosofia da religião.

Nestes capítulos iniciais, Luiz Felipe Pondé nos situa na *virtu* epistemológica da filosofia da religião com o auxílio dos textos de Abraham Joshua Heschel, teólogo judeu, que esclarece que a intimidade do homem com Deus e vice-

versa não é da ordem do conceito mas da ordem do evidencial, porque a experiência religiosa é da ordem do *pathos* do *affectus* e não da razão.

Porém, a tarefa que Pondé se propõe é a de traduzir e buscar para a ordem dos argumentos e dos conceitos a filosofia da religião implícita nas obras literárias de Dostoiévski, articulando-a com suas reflexões; o que será favorecido ao dialogar com os comentadores. Assim, nos deparamos com o risco da aposta de Pondé que considera Dostoiévski antes de tudo um filósofo da religião, para além do grande e indiscutível literato, provavelmente o maior romancista do século XIX, o que lhe permitiu não só criticar as idéias de seu tempo mas, sobretudo, os equívocos decorrentes desta visão de Homem preconizada pelos ideólogos seus contemporâneos.

Os capítulos 3, 4, 5 e 6 introduzem o leitor na teologia mística ortodoxa.

Este vai se apropriando desta história, que coloca em primeiro plano, conceitos como metanoia ou taborização, que lhe permitem compreender Sônia, Raskólnikov, o Príncipe Mychikin, e o papel do Abba ou pai espiritual, que na figura do Staret Zóssima se filia a uma tradição milenar, indispensável na formação de Aliocha.

Ao compreender a disputa teórica entre Barlaam e Palamas aceitamos a ousadia da tese de Pondé: Dostoiévski era palamita porque jamais negou a razão ou suas conquistas; apenas afirmou que o domínio da experiência religiosa era antinômico, um outro domínio. Não se trata de negar a razão mas de afirmar a possibilidade da experiência de Deus.

A familiaridade com esse universo torna transparente expressões como ser visitado no dizer de Aliocha, antinomia

narrada sobre o Príncipe, o absurdo da resposta de Sonia a Raskolnikov (“Ele me deu tudo.”), do silêncio e sobretudo da sutileza que necessitamos para penetrar neste universo antinômico, sem respostas ou certezas racionais, pior, sem critério para nos orientar a não ser o amor.

Nos capítulos 7, 8 e 9 passamos à compreensão dos fundamentos religiosos de sua linguagem poética tal como trabalhada por Mikhail Bakhtin.

O autor defende que os fundamentos religioso da linguagem usada por Dostoiévski, se dão no atravessamento da polifonia, entre o multivocalismo de si mesmo e o dos outros homens, inclusive dos teofóros, enraizado no otimismo do pensamento religioso, que atravessa a dúvida cética, sem a negar, e enfrenta o reconhecimento na agonia, rasgado pela transcendência.

Mikhail Bakhtin reafirma que o ser humano é inobjetivo e que no regime da natureza não existe síntese, porque este espaço é contraditório e controverso, marca de Deus na desgraça, porque apela para o que não está presente. Mas é no diálogo que as consciências se constroem. Recusar a polifonia é dar lugar ao Grande Inquisidor, porque a polifonia está imersa na materialidade da liberdade.

O Relativismo é assumido por Dostoiévski como condição necessária da razão, e não em si como fazem os niilistas. Assim, a aceitação da polifonia se mostra uma região da Providência. Esta mostra que antes da morte já estamos em processo de decomposição: é uma denúncia de que não se define o Homem, não há última palavra, o mistério o habita.

O problema central deste ensaio de crítica religiosa “a liberdade incriada” é discutida nos capítulos 9, 10 e 11,

intitulados respectivamente: *O homem inacabado*, *Liberdade: niilismo ou amor e O mal e a liberdade*.

O diálogo central do autor será desenvolvido com o auxílio da obra de Paul Evdokimov, *Dostoiévsky et le problème du mal*, focalizada na *Legenda do Grande Inquisidor*, no conto de Dostoiévski, *O sonho de um homem ridículo*, na correspondência e no *Diário de um escritor*. É aqui que nos aproximamos do paradoxo da liberdade humana frente ao bem e ao mal, presente na antropologia teológica ortodoxa da força da antinomia presente no amor enquanto fonte decisiva de conhecimento, e na questão da relação do bem com a vontade. A discussão heteronomia, autonomia e teonomia retoma e esclarece temas já trabalhados nos capítulos anteriores. Estes capítulos são decisivos para a compreensão do mistério da condição humana.

Este percurso se mostra indispensável para a leitura dos últimos cinco capítulos dedicados cada um ao exame das obras escolhidas para compor este ensaio, que confrontam diretamente as idéias niilistas vigentes na Rússia do século XIX, oferecendo a possibilidade de analisá-las desde a dinâmica do foco da atividade crítico-profético de Dostoiévski que se enraíza na sua concepção religiosa-teológica, i. e. a liberdade incriada do homem, marca da sua insuficiência e da sacralidade do humano que provém de um Deus criador. Essa sobrenatureza está comprometida com todas as linhas que formam a teia dos enigmas: o mistério absoluto que une a misericórdia infinita, a graça e a positividade do mal.

Na Introdução, Pondé articula o problema central deste livro: a liberdade incriada, compreendida na antropologia teológica de Dostoiévski, que pode resultar no niilismo, no contexto do

embate filosófico contemporâneo, focado na contingência, que se dá entre a filosofia analítica e os pragmáticos.

Pondé, ao conferir valor crítico à filosofia da religião, se coloca na contramão das críticas contundentes sofrida por esta filha bastarda e exilada do diálogo filosófico-contemporâneo, porque não mais entendida, muitas vezes, nem mesmo pelo pensamento religioso, como uma unidade contraditória de afirmação infinita e de uma força indefinível e determinada. A ela não se pode atribuir significado redentor da condição humana, pois a religião não redime o homem de sua insuficiência, ao contrário, deve levá-lo à consciência plena e lúcida desta condição para atravessá-la pela agonia, dor e sofrimento sem denegá-los. No caso de Dostoiévski, isto acontece desde o *locus* de onde ele fala do mistério e da misericórdia, do *páthos* religioso, desta intimidade indizível do homem com Deus – mística extática – de Deus para com o homem – mística profética – ou seja, um “não à humanidade do homem”, segundo Heschel.

Este singular registro exigiu, do autor, que traduzisse a linguagem do *insight*

religioso para um discurso racional. Seus interlocutores, nesta tarefa, foram os filósofos-teólogos: Berdiaev, Ivanov, Heschel e Barth, denominados pessimistas, porque não acreditam na aposta iluminista, nem em todas as promessas do humanismo renascentista. Ao fazê-lo, conferiu *virtu* noética ao pensamento religioso de Dostoiévski que pode enriquecer e iluminar a crítica ao mundo moderno.

O convite à leitura deste livro é motivado pela necessidade de percorrer pacientemente as análises das cinco obras de Dostoiévski, a fim de compreender a contundência da frase de Luiz Felipe Pondé no encerramento do livro: *o ser humano não passa de mais um recurso mineral*, que nos leva a confrontá-la com o epígrafe de abertura: *os pregadores do materialismo e do ateísmo, que proclamam a auto suficiência do homem, estão preparando indiscutíveis trevas e horrores para a humanidade sob pretexto de renovação*.

Marília Alves Pedrosa Esauí